

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

39, Rua do Jardim do Regedor, 41

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO: — Guiraud — Musica nova — Concertos — Colyseu dos Recreios — Antonio Faborja — Notas vagas — Noticiario — Bibliographia.

GUIRAUD

O notavel mestre da escola franceza moderna, Ernest Guiraud, fallecido prematuramente a 6 de maio de 1892, nasceu em Nova Orleans a 23 de junho de 1837.

Seguindo os cursos de piano e composição no conservatorio de Paris, tendo tido por mestres Marmontel e Halévy, obteve o primeiro premio de piano em 1858 e o grande premio de composição no anno seguinte. Durante o periodo dos estudos exerceu as funcções de timbaleiro no theatro da Opera Comica.

Regressando de Roma, conseguiu que n'este theatro se cantassem successivamente as suas tres primeiras produções: *Sylvie*, *En prison* e *Kobold*, operetas de 1880 ficou dirigindo o curso de alta com-

posição. A sua primeira obra notavel e que lhe deu reputação de habil symphonista, foi porém uma *Suite* para orchestra, executada pela primeira vez nos Concertos Padeloup em 1872. Um dos numeros d'esta *Suite* — intitulado *le Carnaval* — obteve enorme exito, ficando incluido no repertorio usual de todos os grandes concertos. Em Lisboa ouviu-se em 1881, sendo director Edouard Colonne.



Uma segunda *Suite*, que apresentou logo depois, não logrou tão grande voga.

Em 23 de novembro de 1872 representou-se a sua opera comica em dois actos, *Madame Turlupin*, em 5 de março de 1873 o bailado *Gretna-Green* e em 11 d'abril de 1876 a opera comica em tres actos, *Piccolino*, sendo esta a sua produção theatral mais grata ao publico, chegando a cantar-se 52 vezes consecutivas.


No mesmo anno de 1876 foi nomeado professor de uma classe de harmonia no Conservatorio, e desde os fins

de 1880 ficou dirigindo o curso de alta com-

Outra opera comica que apresentou na sala Favart em 1882 — *Galante Aventure* — não conseguiu agradar.

No empenho de se apresentar como compositor lyrico, começou a partitura de um grande drama — *le Feu* — que não poudo continuar por ter fallecido o auctor do poema, Goudinet, sem o ter deixado concluido. Da musica já feita aproveitou alguns trechos para orchestra que intitulou *Danses persanes* e se executam com frequencia nos concertos.

Encetou a composição de outro drama lyrico — *Brunchild* — no qual trabalhava com grande enthusiasmo, quando a morte repentinamente o surpreheudeu. O seu trabalho foi porém aproveitado, concluindo-o Saint-Saens e apresentando o com o titulo de *Frédégonde*; cantou-se pela primeira vez na Opera em 18 de dezembro de 1895, com bom exito.



MUSICA NOVA

Ha muitos sculos que se falla de *musica nova*; durante o longo perpassar de centenas e centenas de annos tem a sciencia dos sons ouvido alguns dos seus mais conspicuos doutores exclamarem desdenhosamente: «Musica antiga!» e com emphase: «Oh! a musica moderna!»

E assim em cada época os seus coevos ficam persuadidos de que a musica tem atingido o summo grau de perfeição, que antes não adquirira e que depois não obterá.

E quem lê a historia pergunta com inquietação: Mas haverá mais que inventar? Poder-se-ha crear novas fórmãs, encontrar mais abundantes recursos, dar novo pasto á imaginação humana, abrir novo campo para o genio exercer a sua acção? Chega para tanto a combinação dos sons?

Seguramente; chega e chegará.

O desenvolvimento das faculdades do homem não tem termo assignalado. Em quanto elle viver e onde quer que viva ha-de acompanhá-lo a arte, filha das suas relações com a natureza, elemento essencial da civilização; e essa arte ha de conservar-se n'uma perpetua evolução, retardada hoje, precipitada amanhã, mas movendo-se sempre por natural impulso.

Algumas vezes terá retrocedido; parado, nunca.

Ha cerca de quatro ou cinco mil annos os theocratas do Egypto decretaram a sua im-

obilidade; e ella, apoiando-se no coração do povo, espalhou-se na Asia, entrou na Grecia, chegou a Roma. Aristoteles e Plátão quizeram restringir-lhe os meios, marcar-lhe limites; perderam tempo e trabalho. Roma catholica quiz tambem uma arte hieratica á similhaça de Thebas, condemnada ao immobilismo; tem-a; mas em que estado... a misera!... divorciada de sua irmã que se lançou no turbilhão do mundo profano, só quando se acha em contacto com esta é que adquire alguma vida e consegue fazer-se apreciar.

A occasião em que este movimento ha-de parar ainda não se annunciou; o ponto culminante que tantas vezes se tem julgado alcançar recúa sempre.

Os gregos julgavam-se possuidores de todos os segredos da arte musical e todavia não conheceram a harmonia, ou pelo menos não poderam fazer uso d'ella.

Os contrapontistas do seculo XVI e XVII, successores dos mensuralistas da meia edade, lançaram-se sofregamente nas subtilezas do contraponto, exploraram todos os recursos do estylo polyphonic, produziram maravilhas de calculo, milagres de paciencia; no entanto, do meio d'elles mesmos, surgiu Palestrina, que os derrubou. Parecia que já todo o campo estava batido e de repente novos horisontes se lhes rasgam.

E ao mesmo tempo que o velho contraponto exaure os seus ultimos recursos, cria-se a harmonia moderna. Sebastião Bach, o ultimo contrapontista, foi o primeiro harmonista.

No emprego da orchestra dá-se o mesmo movimento. Suppôz-se por um momento que Haydn tivesse realisado todas as aspirações da musica symphonica, e assistiu-se com pasmo ao protentoso trabalho de Beethoven. O mesmo Beethoven não deixou prever nem comprehender Berlioz.

Na musica dramatica tambem Mozart ultrapassou Gluck; Wagner fez menosprezar Rossini.

Não ha pois motivo para receiar que a arte musical pereça por esgotamento de forças.

Os seus meios são inexauriveis; uns envelhecem, logo outros se criam: aquelles mesmo renovam-se e estes por sua vez desaparecem ou se transformam.

Mas para crear musica nova o que é necessario fazer? E' o segredo do genio. Não ha regras a preceituar, nem planos que traçar; o artista enceta a sua marcha no caminho aberto pelos seus predecessores, acompanha os seus contemporaneos; se o momento é favoravel para uma revolução, completa ou parcial, profunda ou ligeira, o fogo

sagrado baixará sobre o predestinado e o illuminará como a Saul no caminho que tem a seguir.

Quando Monteverde no principio do seculo XVII dotou a musica com os elementos de que se formou a tonalidade moderna, não teve plena consciencia da importancia das suas innovações; creou por *inspiração*, não se guiou pela sciencia, nem teve em vista um proposito. Haydn e Mozart, Bach e Handel, Rossini e Meyerbeer, Donizetti e Bellini, enriqueceram a arte com muitas fórmulas novas; mas começaram todos por empregar as que estavam em uso no seu tempo; a necessidade de se individualisarem, necessidade suggerida pela propria dignidade humana e pelas condições de temperamento, é que os levou ao encontro de outros meios ainda não empregados; o talento elevou-se n'elles pouco a pouco e, emfim, o genio manifestou-se com todo o seu esplendor.

Tudo isto se tem realisado naturalmente, sem esforço.

Quando a naturalidade foge é que o esforço a substitue.

O que ha pois a receiar no aperfeiçoamento da arte musical não é que os artistas deixem de encontrar novos recursos, é, pelo contrario, que os procurem muito.

E' verdade que não se deve ser voluntariamente *velho*; quem tal fraqueza manifestar não póde ser contado na fila dos combatentes; vae para a fachina. Mas tambem é muito perigoso ser por força *novo*; sobre-vem a cachexia.

A norma a seguir para um compositor novato deve ser esta: conhecer exactamente o estado e as tendencias da arte na época em que vive; alistar-se sob as bandeiras de um mestre reconhecido e proclamado, seguir-o sem correr adiante d'elle, imital-o sem o copiar. O resto pertence ao destino.

Agora, se do agente nos voltarmos para o paciente, veremos que no publico, para cuja satisfação trabalha o artista, se opera identica evolução e que elle mesmo muitas vezes a provoca.

Tambem n'este ponto ha que receiar os dois extremos, ambos igualmente prejudiciaes.

Uma parte das pessoas que apreciam qualquer obra musical tem o culto da tradição; só acceita por bom o que é usado, só dá valor ás fórmulas consagradas; o seu horisonte esthetico tem por limites o ambito evidenciado quando pela primeira vez distinguiu a luz. Estes taes consideram qualquer innovação como coisa essencialmente desagradavel; só o que os predecessores fizeram é que póde ser refeito, como se esses

predecessores não tivessem elles mesmos sido no seu tempo outros tantos reformadores.

Singular criterio este não permittir fazer-se hoje aquillo que se fez hontem!

Para outros então é indispensavel abandonar completamente tudo quanto está feito, a pretexto de horror pela banalidade; o que fôr novo é, só por este motivo, essencialmente bom ainda que não se comprehenda. É' escusado analysar a obra ou consultar o proprio sentimento; a novidade traz consigo excellencia.

E para alguns d'estes, muito melhor será essa novidade se vier envolta na confusão e na obscuridade; ser simples e claro é ser mediocre.

Depois, traz certas vantagens este modo de julgar.. passa por espirito superior e esclarecido quem dá um alto apreço a coisas que os ingenuos declaram francamente não perceber ..

Pestes! Sob a capa de uma falsa distincção, desorientam a critica sincera e prejudicam o bom gosto.

Mas, felizmente, todas as aberrações tanto de quem procede como de quem julga, não são mais do que excepções ao criterio universal. Constituem enfraquecidas divergencias dos raios luminosos dimanados de um foco poderosissimo e inextinguivel; no centro d'esse foco ostenta-se immortal e radiante a Verdade.

E a Verdade alimenta em seu seio, como a uma filha predilecta, igualmente pura, sublime e eterna, a Belleza, creada para purificar o coração humano.

D'uma e d'outra sabem os homens reconhecer e apreciar as manifestações, embora algumas vezes a cegueira da paixão ou a illusão dos sentidos lhes obscureça o entendimento.

A prova de que a verdade e a belleza são sempre reconhecidas, está no culto prestado aos grandes mestres da arte e ás suas obras.

N'estes termos é menos difficil para o artista e para a critica seguirem pelo bom caminho: basta-lhes alguma sciencia e sufficiente consciencia.

ERNESTO VIEIRA.

CONCERTOS

Não podemos começar esta modesta chronica, sem nos reportarmos, com o louvor que lhe é devido, á joven e talentosa pia-

nista, a sr.^a D. Amelia Costa, que no fim da passada quinzena se manifestou brilhantemente no concerto, cujo programma annunciámos.

Já em tempos affirmamos n'êsta mesma secção que Mad.^ele Costa podia ser considerada como um dos titulos de gloria para Timotheo da Silveira, a quem tem estado confiada a sua educação artistica. Hoje podemos dizer sem receio de errar, que n'um futuro talvez proximo, e graças aos notaveis progressos r alisados, Mad.^elle Costa virá a occupar na Arte portugueza o logar a que tem direito o seu luminoso talento.

*

N'esta nossa resenha tem figurado a cada passo e tem de figurar constantemente o nome de Moreira de Sá, pois é com effeito este notavel artista que mais trabalha entre nós para tornar conhecidas por meio de concertos e audições de toda a especie, as obras musicas que mais importa conhecer.

Na Musica de Camara principalmente, tem sido Moreira de Sá um verdadeiro apostolo e tem sido quasi incalculavel o numero de obras d'este genero que, mercê da sua grande actividade e bom gosto, se tem exhibido no Porto durante os ultimos vinte annos.

Assim a festa que alguns amigos e admiradores lhe dedicaram ha pouco, festa cheia de flores e de musica, foi um tributo bem digno d'este intellectual tão entranhadamente dedicado á sua Arte, e uma gloria imperecivel para o Porto que, se não liquidou por completo a divida que contrahiou com o infatigavel trabalhador, soube ao menos demonstrar-lhe quanto o respeita e quanto o ama.

Moreira de Sá, que ainda ha pouco organisou um notavel cyclo de concertos beethovenianos; i naginou já uma nova série de não menor interesse, destinada á audição de obras primas dos modernos compositores, ainda não executadas em Portugal.

O primeiro concerto d'esta série teve logar em 28 do mez passado e constou do *Trio em dó op. 87* de Brahms e de outro *Trio em mi menor op. 92* de Saint-Saëns, ambos executados na integra.

O desempenho d'estas obras foi confiado ás Sr.^{as} D. Amelia Paiva e D. Virginia Suggia (piano), Moreira de Sá (violino) e D. Guilhermina Suggia (violoncello).

O segundo effectuou-se em 10 do corrente e as novidades apresentadas foram um *Trio op. 5* de Volkmann e outro de Dvorák, que é o numero 90 nas obras do famoso compositor tchéque

Ao piano estiveram n'este 2.^o concerto os sr.s. Luiz Costa e Raymundo Macedo.

Em ambas as interessantes audições fez o sr. Moreira de Sá a analyse da estructura thematic de cada trecho, referindo-se com profunda erudição á forma tradicional da *Sonata* e ás evoluções por que ella tem passado n'estes ultimos 50 annos.

Foi calorosamente applaudido.

*

A 2 de maio effectuou-se o 142.^o sarau musical do *Orpheon Portuense* com um programma muito variado, que temos á vista, e que consta de trechos de orchestra, de canto, de piano e de violino. Nas peças d'orchestra notamos dois *Menuetti* de auctor portuguez para nós desconhecido, o sr. Luiz Costa.

*

Para assistir á matinée musical dos esposos Sarti, no dia 7 do corrente mez encheu-se litteralmente o salão do Conservatorio, avultando o elemento feminino, pois, salvo felizes excepções, o masculino costuma ás segundas feiras occupar-se de outros assumptos menos elevados talvez, mas consideravelmente mais praticos.

Les Chansons de Miarka executavam-se pela primeira vez em publico e eram por consequente novidade para muita gente. Esta *suite* vocal, de que já aqui nos occupamos, conseguiu grandes applausos, especialmente em alguns numeros que foram distinctamente desempenhados pelas Sr.^{as} Condessa de Proença e D. Clara Sarti. Sobretudo *Les Nuages, La Pluie* e *Hymne des Morts* fizeram muita impressão ou foram talvez melhor compr. hendidas

Além da extra agante *suite* cantaram varios trechos as senhoras Viscondessa de Almeida Araujo, D. Josephina Aboim, Condessa de Proença-a-Velha, Mad.^{me} Sarti e sr. José Eduardo Pinto da Cunha, e tocou o *Yankee Doodle* de Vieuxtemps o talentoso violinista Julio Cardona, a substituir um numero do programma que não poude ser executado.

Em todos os numeros de canto se houveram brilhantemente os distinctos amadores, que, como se sabe, procedem da escola de Sarti e assimilaram com notavel talento as qualidades de technica que distinguem o illustre professor.

De Madame Sarti, a inimitavel *diseuse* que todos conhecem, só diremos que nos deliciosos trechos com que fechou o programma e especialmente na *Rieuse* de Pierné, soube suggestionar o publico a ponto de lhe causar uma fortissima commoção e de se verem lagrimas em muitos olhos...

Não queremos fechar esta noticia sem comprimentar um novo e modesto professor, o sr. José Henrique dos Santos pela ma-

neira distincta como acompanhou na flauta, a conhecida e sempre formosa *Aria de Miso*, que a Sr.^a Condessa de Proença cantou proficientemente

Os nossos parabens a Alberto Sarti pela sua festa artistica e pelas justissimas demonstrações de sympathia que o publico lhe trioutou.

*

Em 8, teve lugar o Concerto que a *Real Academia de Amadores* organisou para comemorar o Centenario do descobrimento do Brazil. Pretexto devéras sympathico para nos dar alguns numeros de boa musica e para reunir n'aquella immensa nave da Sociedade de Geographia uma multidão pouco calorosa e por vezes bastante turbulenta. E a proposito, não haverá meio de conseguir que uma certa parte do publico, cujo procedimento nos absteremos de classificar, haja por bem conservar-se nos seus logares enquanto se toca? Não será já tempo de nos irmos habituando a umas certas attentões, que dariam de nós uma excellente ideia e que nós poriam, ao menos em alguns pequenos detalhes, a par das nações cultas?

Que demonio, ha factos que de tal ou qual fórma justificam um desabafo um pouco mais duro...

Então se eu me tiver lembrado de mandar preparar o chá e as torradas para as onze e meia ou se contar com um americano qualquer da meia noite menos um quarto, assumo por esse facto o direito de incommodar 400 ou 500 pessoas, arrastando cadeiras e passeiando toda a minha familia por entre aquelles que querem estar quietos?...

Valha-nos Deus ..

Mas agora nos lembramos que não estamos aqui para endireitar o mundo, mas simplesmente para lhes dizer do concerto.

E começaremos pelos solistas que foram a sr.^a D. Delphina Pinto, e os srs. D. Francisco de Sousa Coutinho e Julio Cardona.

Tocou Mad.^{elle} Pinto a famosa *Clair de lune* de Beethoven e tres pequenos trechos, dos quaes destacaremos um estudo de Mathias, *La Velocité*, por ser a peça em que mais se evidenciaram as qualidades peculiares d'esta distincta amadora, que são, a nosso vêr, a nitidez e a agilidade. Não se póde sêr mais exacto na rigorosa, quasi mathematica execução dos passos escriptos, ainda os mais velozes e transcendentales e n'essa especialidade, deixou nos D. Delphina Pinto litteralmente maravilhados.

D. Francisco Coutinho cantou o prologo dos Palhaços, que não estava no programma e uma romanza de Denza. Se bem que a interpretação dos Palhaços não seja aquella que costumamos ouvir a outros artistas, se-

ria injustiça negar ao prestimoso baritono todos os nossos applausos. E depois, é bem justo que cada cantor tenha um bocadinho da sua individualidade no que deve interpretar, aliás a musica seria d'uma monotonia desesperante.

A Julio Cardona tambem enviamos os nossos sincerissimos parabens. Não é um ponderado: mas faz no violino cousas admiraveis porque tem carradas de talento. Tres ou quatro annos sob acertada direcção e será, sem favor, um dos nossos primeiros violinistas.

A não querer fallar do acompanhador, o que seria para nós um tanto ou quanto embaraçoso, só nos resta fallar da orchestra.

Foram varios os trechos executados pela orchestra, um Hymno de C. da Silva em collaboração com Emilio Lami, ao que dizia o programma, dois trechos de Alfredo Napoleão, tres deliciosas arias de dansa, antigas, a symphonia do Guarany e uma dansa hungara de Brahms.

Os arrojados amadores sob a habil batuta de D. Andrés Goñi fizeram o que puderam e não lhes regatearemos palavras de coragem e mesmo de louvor.

Seja-nos porém licito dizer e na melhor de todas as intenções que o naipe de primeiros violinos, esse naipe tão importante n'uma orchestra e que é, como todos sabem, formado por amadores dos mais distinctos que por cá temos, não se manteve d'esta vez á altura da sua elevada missão.

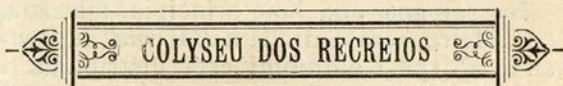
Pouca egualdade, pouca firmeza, pouca disciplina e pouca attentção ao regente e ao chefe: por conseguinte resultados por vezes desastrosos.

Perdoem a nossa rudeza, mas é preciso que haja alguém que diga as cousas pelo seu nome.

O naipe está constituido com amadores que são, na sua maioria artistas — o regente é segurissimo — o chefe do grupo é firme e mais não poder ser e dispõe de sonoridade perfeitamente adequada para o logar que occupa. D'onde vem então o constante balanço?

Urge averiguar e remediar.

De resto o concerto foi bastante *reussi* no seu conjuncto e o publico sahio satisfeito.



Tem continuado a agradar a companhia lyrica que funciona no Colyseu dos Recreios. São d'isso uma prova convincente as enchentes que se teem succedido, tornando-se notavel a da noite de sabbado 8, com o *Fausto*.

Durante os ultimos 15 dias foram cantadas as seguintes operas: *Lucrecia Borgia*, *Carmen*, *Africana*, *Palhaços*, *Cavalleria rusticana*, *Fausto*, *Rigoletto*, os tres primeiros actos da *Aida* e o 2.º e 3.º da *Lucia* para preencherem espectaculos com a *Cavalleria* e *Palhaços*.

Debutaram tres novos artistas: na *Africana* o baritono Scaramella, mal convalescente da doença que até então o tinha impedido de cantar, nos *Palhaços* o baritono Salvador Mestres; no *Fausto* o baixo Carlos Walter.

A soprano dramatico sr.ª Emma Petroski teve occasião de se fazer justamente applaudir na *Africana* e principalmente nos *Palhaços*, porque cantou e representou a parte de Nedda com uma correcção digna de theatros de 1.ª ordem, salientando-se na *ballatella*: *Hui! Hui! stridon lassu*.

O tenor Lanfredi muito regularmente na *Africana*.

Tambem nos *Palhaços* se tornou alvo de calorosos applausos o tenor Martelli, em especial no arioso final do 1.º acto: *Vesti la giubba*, que amavelmente repetiu na primeira noite, a pedido insistente de uma grande parte do publico, que enchia quasi por completo a vasta sala do colyseu. E digamos de passagem que é esta a opera em que o tenor Martelli tem sido mais rigoroso na afinação e mais correcto no modo de phrasear, dando ás melodias apropriada interpretação.

Com o *Fausto* deu-se um facto digno de nota, que prova o numero elenco de que a companhia dispõe: foi cantado nas noites de 5 e 8 do corrente, mas em cada uma d'ellas com um quartetto differente.

Na *Lucrecia* e na *Cavalleria rusticana* continuou a soprano dramatico sr.ª Colombini a merecer os applausos com que o publico a tem distinguido.

A noite d'hontem foi de festa e applausos para o baritono Scaramella, protagonista do *Rigoletto*, que teve de repetir a *cavalletta* do 3.º acto, e para a distincta soprano sr.ª Wermez, que disse muito bem a aria *Caro nome*, com uma correcção ha já annos desconhecida entre nós, o que lhe rendeu uma justa ovação.

Na semana que hoje principia, talvez na terça-feira, será cantada a *Bohème*, de Puccini. A sr.ª Colombini está distribuida a parte de Muzette, de que naturalmente será uma digna interprete; a parte de Rodolpho está a cargo do tenor Carlo Lanfredi. A interessante Mimi cabe a uma nova artista: a sr.ª Dolores d'Arroyo. A opera tem sido ensaiada com todo o cuidado.

13 de maio.

ESTEVES LISBOA.

GALERIA DOS NOSSOS

ANTONIO TABORDA



QUEM olhar superficialmente para as nossas cousas d'arte e, ai de nós, assim é que ellas por cá se encaram quasi sempre, *supporá* que somos um povo desajudado de todas as benções divinas, um povo esquecido na prodiga partilha com que as Musas brindaram as nações felizes

Sempre a mesma illusão pessimista e descorçoante!

Pois não nos faltam os artistas de elevado merecimento, cheios de coragem para a lucta. ignorados ás vezes, modestos sempre, mas altos e grandes pela riqueza intellectual com que a natureza os dotou e pelo entusiasmo com que servem a sua Arte amada.

E' d'esses Antonio Taborda, o auctor da «*Dinah*» que se cantou ha cerca de tres annos e da «*Reliquia*» que vae ser cantada agora.

E no advento d'esta ultima partitura, suggestiva e emocionante, eminentemente portugueza no fundo e na fórma, inscreve a «*Arte Musical*», com uma saudação respeitosa, mais um nome que não deve ser esquecido.

SCHAUNARD.

NOTAS VAGAS

Cartas a uma Senhora

De Lisboa.

XIII

Dão agora 11 horas. A noite está serena e clara e no céu profundo scintillam estrelas...

Diante dos meus olhos um ramo de frescas rosas embalsamando o ar, quasi me faz esquecer a solidão triste do meu quarto, e a linda cabecinha a oleo que V. Ex.ª tanto apreciava dá-me uma doce sensação d'arte e por uma natural associação de idéas torna-me presente essa sua casa tão hospita-

leira, essa sua physionomia tão espiritual.

E penso que talvez n'este mesmo momento a minha doce amiga esteja lendo alguma pagina amada ou repassando ao piano alguma melodia querida...

Ah! Porque é que o destino afasta aquelles que tanto amamos, e de quem recebemos consolações e estímulos?

Não o sabemos nós, e por isso o mundo ás vezes nos parece incoherente e rude.

N'este minuto ideal em que por exemplo lhe escrevo, como eu lamento ou não poder voar até ahí, ou não lograr trazel-a até cá, pois se o que pretendo dizer-lhe tão complexa e tão emmaranhadamente se fórma no meu espirito que em vão tentarei reproduzil-o em linguagem!

Trata-se de uma bella e maravilhosa cousa, obra prima de talento e de trabalho, joia inestimavel de uma industria que a mão de Deus tocou e que o proprio genio porventura ungiu...

Adivinhou que lhe estou falando das tres preciosas e indescriveis peças da baixella Barahona, como já agora lhe chamam, e como para todo o sempre lhe ficarão chamando as gerações que ás actuaes succedam.

Um problema d'arte o consideraram os benemeritos renovadores da ourivesaria portugueza, os srs. Leitão & Irmão, e em verdade o foi e dos mais altos e dos mais intrincados que á sua sagacidade erudita e á sua intelligencia esmerilhadora poderia ser posto para o fim de lhe encontrarem solução...

A interessante e elucidativa memoria que bizarramente fizeram distribuir, de sobra o explica e documenta; e por ella se vê como entre nós são remotas as origens d'essa superior fórma de trabalhar os metaes de preço, pois começam no seculo XII com o calice da Sé de Coimbra, e com a cruz de D. Sancho, o que todavia não impede a exigente opinião de alguns pondo em duvida que chegasse a formar-se aqui uma verdadeira e completa ourivesaria nacional com tradição accentuada e estylo proprio.

Era porém natural que assim fosse.

Confinada nos dominios religiosos, onde havia moldes consagrados e por assim dizer lithurgicamente definidos, poucas seriam as peças susceptiveis de receberem decoração estranha e fóra dos motivos hieraticos, e sem duvida estes, pelos caracteres especiaes que revestiam não eram os mais proprios para facilitarem a phantasia creadora, e desenvolverem as energias inventivas do espirito portuguez em tudo quanto não obedesse ao pensamento inicial que se tinha em vista.

Tão forte era no entanto a seiva que animava então o organismo patrio que a ourivesaria profana sempre achou meio de adquirir feição sua, e mais de uma peça dispersa pelos museus estrangeiros e por colleções particulares, e salva das depredações do tempo e dos homens, ahí ficou a attestal-a.

Por desgraça quasi tudo isso se desconhecia e ainda aqui, como no resto o fio da tradição achava-se partido e transviado, de fórma que mal pôde avaliar-se a somma de esforços despendidos e de vigílias consumidas para afinal se conseguirem realisar a factura d'esse inestimavel e assombroso centro e das duas elegantes e preciosas serpentinhas.

Primor de modelação e de desenho, de delicadesa e de gracilidade, esse centro que tendo kilogrammas de prata parece imponderavel e que sendo de uma deslumbrante opulencia de volutas, de curvas, de contornos chega no entretanto a ser de uma simplicidade encantadora — a *difficil simplicidade*, que é o segredo ideal da belleza eterna: dá-nos a um tempo uma sensação de pasmo e de acalmia; como se simultaneamente o espirito sem deixar de pensar ficasse fascinado e o coração sem deixar de sentir cessasse de bater...

E' talvez um como que phenomeno de inibição nervosa de cunho particular e de fórma inedita que nos permittia, que admirando esse alto primor que Columbano moldou e Augusto Luiz de Sousa e Francisco Ignacio Cardoso tecnicamente reproduziram, todos vibrassemos por assim dizer silenciosos e recolhidos, n'uma especie de extasi da intelligencia que transformava as impressões recebidas em imagens evocadas de todas as artes. E assim, para só de mim falar agora, eu todas as vezes que me tenho detido a contemplar esta maravilha autentica — e a ultima ainda foi hontem — julgo escutar cá dentro uma harmonia etherea, toda em sons festivos e claros, e vejo atravez das reverberações da prata, nas suas tonalidades sem fim, uma paisagem ideal onde flores estranhas e luminosas abrem a corolla e distillam balsamos e pedrarias raras juntam o chão lusente...

Até o madreperolado das conchas onde ha irisações de nacar, e a transparencia humida do acantho onde perpassa a frescura viva das folhas tenras e novas, até isso accorda agora aos meus ouvidos, logo aos meus olhos, um mundo mysterioso e novo pelo qual a phantasia paira descuidosa e calma...

Aquella figura de Fauno! Aquella vivaz Bachante!

Decididamente, não é um povo morto o que ainda concebe e trabalha assim!

As serpentinas tendo de realizar um effeito inteiramente novo, porventura se resen-tem ainda em parte das primitivas fórmas de onde evolucionaram, mas isso que para alguns constituirá talvez uma transigencia ou um leve senão, para mim apresenta-se-me como o laço necessario e indissolvel que tinha de fundir n'uma as duas faces profana e sacra da nossa ourivesaria e dar lhe um caracter de continuidade historica por meio da qual um dia se authenticque a filiação de uma pela genese d'outra.

*

Depois do que diz a memoria tão eruditamente escripta, a que atraz alludo e do que já escreveram pennas elegantes e cultas, eu na ja posso e sei dizer, e V. Ex.^a que longe como está, nem por isso já a estas horas deixou de saudar *in mente* este auspicioso acontecimento artistico, não carece dos frouxos e dubios clarões da minha palavra para ficar fazendo nitida idéa do que é e do que vale a recente e gloriosamente realisada tentativa dos srs. Leitão & Irmão, que sem o menor favor, antes com absoluta justiça teem um dos primeiros logares, e no seu ramo especial o primeiro, na obra do nosso ranascimento nacional pelo cultivo e pelo fomento das faculdades estheticas, e se muitos lhe teem agradecido este incalculavel e inesquecivel serviço com phrases de mais inbricado lavor, e em conceitos de mais subtil verdade, nenhum foi nem será mais sincero e mais ardente na essencia do sentimento que taes saudações traduzem.

Assim eu lh'o podesse provar com alguma coisa mais do que com palavras que vivem pouco, e que ainda pesam menos . . .

Ah! minha senhora, quem me déra ter por um momento o dom inegualavel da sua eloquencia suggestiva e quente, para, ao dar-lhe por intermedio d'estes linhas toscas a impressão que a minha alma recebeu perante taes joias d'arte, saber depois transmittir áquelles que a tomaram possivel já encomendando-a, já concebendo-a e produzindo-a, a sua propria impressão quando ella se exteriorisasse em palavras que vindas d'essa bocca forçosamente seriam scintillantes pelo fulgor, preciosas pela elevação, inconfundiveis pela nitidez . . .

AFFONSO VARGAS.



Do Paiz

Enigram descaroavelmente os nossos violinistas amadores.

Mackee lá está para a Belgica, sabe Deus por quanto tempo e se não fosse uma proxima visita de algumas semanas que nos promete, dir-se-hia que os ares flamengos o enfeitçaram.

Ferreira da Silva parte agora a buscar tambem n'outra atmospherá artistica mais pura, um pouco do oxigenio que por cá escasseia.

Mad.^{elle} Salusse, a gentilissima amadora que a todos encanta, pelo trato e pelo talento, tambem deixou o nosso ceu anilado e doce pelas brumas da capital allemã, e em breve as trocará por outras paragens mais longinquas, onde dizem que o sabiá canta . . .

Uma verdadeira emigração.

Do Estrangeiro

DE BRUXELLAS (*directamente*):— Realisou-se com grande brilho o ultimo concerto da *Association artistique*, em que o celebre violinista francez Jacques Thibeau obteve um exito phenomenal.

— O *Stradivarius* de Van-Hal foi vendido a uma casa franceza pela bonita somma de 18.000 francos, que seriam 3:600.000 réis da nossa moeda se o Cambio desse licença.

Os outros instrumentos d'aquelle importante leilão não attingiram tão grande preço.

BIBLIOGRAPHIA

O ultimo pensamento que Victor Hussla consagrou á sua segunda patria, a «4.^a Rapsodia Portugueza», acaba de ser publicada.

Trabalho sério de musico superior, apresenta quatro ou cinco motivos populares desenvolvidos com extrema habilidade e riqueza, ensinando como os recursos da technica podem extrahir os mais interessantes effeitos de qualquer simples toada, ainda que essa toada não seja mais do que um pretexto para marcar o rythmo dansante.

E' assim que um mestre trabalha quando não se occupa só de ser agradavel á grande maioria do publico.

Quando esta obra posthuma do malogrado artista não constituisse uma estimavel recordação para todos os que o apreciavam, quando não fosse um bom e brilhante trecho digno de ser estudado pelas nossas pianistas, quando tambem não valesse por enobrecer a musa popular, bastaria a lição que elle contém sobre a arte de compor, para tornal-o um dos mais valiosos exemplares da bibliographia musical portugueza. E d'este valor são elles bem raros.

ERNESTO VIEIRA.